

## **ESTRATÉGIA DE IRONIA E DE PRODUÇÃO/MANUTENÇÃO DE CAPITAL SOCIAL EM TWEETS HUMORÍSTICOS IRONY STRATEGY AND PRODUCTION/MAINTENANCE OF SOCIAL CAPITAL STRATEGY IN HUMOR TWEETS**

Marchiori Q.de Quevedo<sup>1</sup>  
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense  
([marchioriquevedo@gmail.com](mailto:marchioriquevedo@gmail.com))

**Resumo:** Com base na Análise de Discurso de filiação pècheuxtiana, objetivamos analisar duas sequências discursivas constituídas por *tweets* de uma conta no *microblogging Twitter*. Entre ambas, observamos a repetição de uma mesma estratégia tanto de ironia quanto de produção e manutenção de capital social.

**Palavras-chave:** discurso; capital social; humor; *tweet*.

**Abstract:** We aim at analyzing two discourse sequences formed by tweets of a microblogging Twitter user, from the perspective of Discourse Analysis based on Pêcheux's concepts. Between the two sequences, we observe the repetition of a same irony strategy and the repetition of a same strategy of production and maintenance of social capital.

**Keyword:** discourse; social capital; humor; tweet.

### **Considerações iniciais**

Embora por muito tempo tenha sido referido na literatura como **microblogging**, parece estar a estabelecer-se o entendimento do *Twitter* como uma espécie de mensageiro instantâneo, guardando pontos de semelhança e diferença com outros, como o *GoogleTalk* ou o antigo MSN. Semelhança, porque o *Twitter* permite o direcionamento de mensagem, prestando-se à comunicação tanto quanto os demais. Diferença, porque uma mensagem deixada no *Twitter* a algum contacto fica visível a toda a rede de amigos. No MSN, a mensagem era direcionada apenas àquele contacto, assim como no *GoogleTalk* (nesse último, faz-se exceção aos que aderiram à ferramenta *Buzz*).

Há ainda outro aspecto que parece diferenciar ainda mais o *Twitter* dos (outros) mensageiros instantâneos. Nele, as mensagens em geral não são

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas.

direcionadas; são muito mais amiúde postadas para uma plateia invisível. A ferramenta torna-se, destarte, mais que as demais supracitadas, um dispositivo de circulação de um discurso identitário, com que um sujeito tenta administrar a forma como pretende se apresentar ao “grande público”.

Nesse íterim, avulta a importância de perguntar-se, de um lado, com que finalidade esse sujeito social se apropria do *Twitter*, de outro, de que posição-sujeito fala e de que modo é linearizado seu discurso. Por fim, no possível, mas não recorrente, casamento desses dois vieses, pergunta-se como essa linearização atende(ria) a um duplo propósito do site.

## **Sobre o *Twitter***

É frequente, no senso comum, o entendimento de redes sociais como sinônimo de internet ou de redes sociais na internet, como se estivessem imbricadas ou como se só houvesse redes na (e por causa da) internet. Esse entendimento de Recuero<sup>2</sup> parece-nos alinhar-se ao de Marteleto, para quem uma rede social seria um sistema composto por “nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore” (2001, p. 72). Para a autora, uma rede social, no esteio dessa concepção, “passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” e é oriunda

de um conflito permanente entre diferentes correntes nas ciências sociais, que criam os pares dicotômicos - indivíduo/sociedade; ator/estrutura; abordagens subjetivistas/objetivistas; enfoques micro ou macro da realidade social –, colocando cada qual a ênfase analítica em uma das partes. Por exemplo, a antropologia estrutural entende as redes como descritivas, servindo para identificar o caráter perene das organizações e dos comportamentos sociais. Já a linha do individualismo metodológico desconstrói essa concepção, privilegiando o ponto de vista do agente que produz sentido, e as relações sociais na formação do seu agir. (MARTELETTO, 2001, p. 72)

---

<sup>2</sup> Conforme explanação durante aula ministrada no Programa de Pós-Graduação da UCPel.

Assim sendo, parece incontornável concluirmos que as redes sociais não surgiram com o advento da internet, embora seja justo lembrar que a rede mundial alçou a uma dimensão inaudita a estrutura e a capilaridade das redes sociais. Estabelecidos, pois, que são fenômenos diferentes redes sociais e redes sociais na internet, muito haveria para considerar sobre o que comungam e em que se diferenciam. Como não é nisso que reside o objetivo do presente artigo, parta-se para o conceito expresso em Recuero (2009).

Sites de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem: i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador. [grifo nosso] (p. 102)

Dentre esses sites, pode ser incluído o *Twitter*, ferramenta cujo nome é uma onomatopeia de língua inglesa (*tweet*) que se refere ao piar de pequenos pássaros. Lançado em outubro de 2006, essa ferramenta de micromensagens (ou *microblogging*) tem auferido cada vez mais usuários em todo o mundo, particularmente no Brasil. Ferramenta multifacetada, o *Twitter* tem sido utilizado pelo seu número cada vez maior de usuários com as mais diversas finalidades. Tem-se um uso que vai desde o *voyeurismo* de saber o que determinada pessoa (familiar ou famosa) está fazendo, até a busca de informações (técnicas) de forma mais célere.

No primeiro caso, por exemplo, encontra-se o acompanhamento de contas de artistas e de sites de celebridades ou mesmo de pessoas próximas/conhecidas que postam sobre o que estão fazendo naquele momento, sobre um evento de sua rotina ou mesmo sobre alguma impressão a partir de um acontecimento. É notória aqui a exploração da esfera privada do indivíduo ou, melhor ainda, o deslocamento da fronteira entre o privado e o público, em um movimento que, abolindo inicialmente tal fronteira na vida de uma pessoa pública

(mormente, artistas), estende tal abolição à vida de pessoas ditas comuns, não raro, até mais comumente, por iniciativa delas mesmas.

No segundo, temos um leque mais abrangente. São os perfis de professores, profissionais de saúde, sociólogos, jornalistas, médicos, humoristas, enfim, profissionais que usam a ferramenta para disseminar informações relevantes a quem se interessa por aquela área ou métier. Podem ser elencados aí ainda os perfis de instituições governamentais e privadas, os perfis de veículos midiáticos ou de organizações políticas, sociais, culturais. Assim como ocorrera com os *blogs*, as contas do *twitter* tornaram-se não apenas comentaristas, mas fontes de informação. Não raro a divulgação de notícias e estratégias de marketing (como o *Buzz* gerado pela campanha da cerveja Devassa) passa primeiro pela ferramenta.

Analisando-se o *Twitter*, cabem alguns breves comentários. Se, primeiramente, a descrição do sujeito dono da conta não tem um espaço tão pormenorizado de autodescrição como em (outros) sites de rede social – nem o auxílio de comunidades que mais se prestam à filiação identitária que propriamente à discussão de determinado tema (como ocorria no, em vias de extinção, *Orkut*) –, ao usuário do *twitter* restam outras estratégias de construção de seu projeto enunciativo, incidindo maior importância no conteúdo dos seus posts, de onde emergirá esse enunciador com que ele se apresenta ao público.

Na página inicial, tem-se uma pergunta a partir da qual se sugere uma postagem de no máximo 140 caracteres ao usuário. No *site*, há um espaço para perfil do usuário, para escolhas de a quem seguir e quem convidar para segui-lo. Os que o usuário segue têm seus *tweets* publicados nas páginas dos dois. Há operações de apreciação como o “*retweet*”, em que o usuário reenvia a mensagem recebida à sua rede de contactos.

No que tange às interações, embora não se possa usar o termo comentários, visto que não há esse espaço específico (como em *blogs* ou álbum de fotos virtual), estão previstos na ferramenta espaços dialogais entre os usuários. Vêm a cumprir tal papel diversos expedientes de interação, tais como as mensagens direcionadas (@contacto; onde contacto substitui o nome de outro perfil) – de comentário ou não ao que foi postado por ele --, as *hashtags* (#), que marcam ato

locutório, como no exemplo a seguir (em que é evidente o tom de conselho ou admoestação) ou mesmo o redirecionamento de *tweets* (RT):

[Nome da conta](#) Identificação

A coisa que tenho mais ciúme na vida são meus perfumes!#FicaAdica ↗  
hace 10 minutos [Favorito](#) [Retwittear](#) [Responder](#)

Em Recuero (2011), encontramos, citando Marlow, que as redes de contatos (redes de filiação, para a autora) são muito maiores que as de conversação, emergentes. Os tuiteiros, por exemplo, mantêm vários contatos, mas interagem, verdadeiramente, com poucos deles, ou seja, é lícito afirmar-se haver duas redes no *Twitter*: uma formada por relações de contato ali estabelecidas, e outra mais velada, composta pelas relações entre quem de facto interage com quem.

No caso da ferramenta em tela, as poucas opções de conversação parecem basear-se na predominância de uma suposição, em termos de uma antecipação da posição usuário pela posição administrador da ferramenta, de que o usuário de fato não quer “arranjar” amigos (como só ia querer no Orkut) ou mesmo predominantemente interagir, mas sim fazer dessa ferramenta capital social de manutenção, elencando de quem ou a quem quer receber consumo de conteúdo, estabelecendo um projeto enunciativo a partir do modo como produz/compartilha *tweets*.

A própria exposição pública da rede presta-se a um discurso de identidade. Embora o usuário do *twitter* tenha, em geral, muitos dos atores da sua rede *off-line* ali elencados – e que também dizem quem ele é –, a escolha dos perfis a quem seguir presta-se ao discurso sobre si mesmo. Obviamente, os enunciadores que são construídos pelo gesto de leitura de quem é esse usuário por um outro são validados socialmente, consoante se situem em redes que tenham como seguidos (e, preferencialmente, seguidores!) perfis de alta credibilidade informativa ou notoriamente na rede em questão. Em resumo, compartilham-se *tweets* para produzir capital social para si ou compartilhá-lo de outro.

Nesse ponto, é sintomática a mudança da indagação com que os usuários eram convidados, na época em que foram publicados os *tweets* a serem aqui analisados, a “*tweeter*”: de “*what are you doing?*” para “*what’s happening?*”. A primeira parece pressupor muito mais um excerto da narrativa da vida do usuário.

Conjectura-se aqui que, ao perceber o potencial de difusão de informações e de câmara oca onde reverberam os acordes do mundo, a pergunta tenha sido mudada para dizer mais diretamente a esse novo contexto. Convém notar-se a supressão do pronome “*you*” na passagem de um para outro enunciado, da não manutenção de um dêitico que remeta ao usuário. A atual pergunta não é “o que está acontecendo na sua vida?”, mas o que está acontecendo de forma geral, recorte esse a ser dado pelo usuário.

O limite de 140 caracteres, pinçado do universo das mensagens de celular, por certo traz dificuldades aos mais prolixos. Se a proposta inicial era justamente dizer, em poucas palavras, o que o usuário estava a fazer (supondo-se que um texto mais longo não seria atraente à plateia), verificamos determinadas estratégias para subverter esse limite. A primeira, mais simples, consiste em desmembrar um *tweet* em dois ou mais.

[Nome da conta](#) Identificação

Não tem não tem não tem coisa mais irritante que aguentar quem não sabe de nada falando o tempo todo! Sabe aquela historia do cada macaco no

[hace 36 minutos](#) [Favorito](#) [Retwittear](#) [Responder](#)

[Nome da conta](#) Identificação

seu galho? Chega uma hora que é melhor até mudar de árvore! Preciso ser mais clara?

[hace 36 minutos](#) [Favorito](#) [Retwittear](#) [Responder](#)

A segunda, dada a possibilidade de inserir *links* na postagem, é valer-se da remissão a outro texto, que pode ser uma continuação do *post*, o texto que o *post* comenta ou um material adicional. Esse expediente é frequente nas contas que visam a divulgar informações ou fazer humor.

[VEJA](#) VEJA

Apple dá crédito para iPads comprados no Brasil <http://migre.me/3ZISD>

hace 2 horas [Favorito](#) [Retwittear](#) [Responder](#)

Nesse contexto, é bom assinalar a importância do encurtador de *link* como o “*migre.me*”, até então de uso quase inexistente na internet. Para além disso, o que se nota, paralelamente, é a habilidade na escrita concisa. O jornalismo parece ter mais bem se adaptado a ela, dada sua experiência em produzir manchetes e olhos de matéria, mas outros domínios discursivos como o do humor também lograram êxito, valendo-se de estratégias de dizer sobejamente conhecidas como o uso de palavras polissêmicas, de informações pressupostas ou implícitas, palavras que valham por orações, elisão de informações ou deslocamento de dizeres, para aguçar a curiosidade do leitor<sup>3</sup>.

## Sobre o conceito de Capital Social

A questão primeira do conceito de capital social talvez seja determinar onde ele está depositado. E não é nos grupos ou nos indivíduos que ele reside, mas nas relações tecidas entre esses últimos. Seu conceito, intimamente ligado aos valores de determinado grupo, é sabidamente importante para o estudo das redes sociais, dentre elas elencado está o *Twitter*.

Para Bourdieu (1980), o capital social exige um esforço de sociabilidade, isto é, um gasto de energia, de tempo e de outras formas de capital de modo indireto (exempli gratia, o econômico). Em outras palavras, não se pode pensar o capital social, para o autor, senão como um conjunto de recursos potenciais que se estabelecem nas relações entre as pessoas que se associam umas às outras, produzindo um sentimento de pertencimento a uma coletividade. Em outro texto, o autor conceituará o capital social como “a reunião de recursos realizados ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações, institucionalizadas para mais ou para menos, de interconhecimento e de inter-reconhecimento” (BORDIEU, 1980, p. 2, tradução minha).

Logo a seguir, o autor relaciona o capital social à *l'appartenance à um groupe*. Essa ligação do conceito a um sentimento de pertença materializa já na matriz teórica a dependência do conceito a uma teoria de relações sociais, que encontra correspondência na visada de Coleman (1994), para quem haveria, “de fato, uma boa razão para defender que

---

<sup>3</sup> Quando é feita referência, nessa frase, a polissemia, pressuposição, implicitude, estão tais conceitos tomados fora do âmbito da Análise de Discurso

uma teoria social, na condição de distinta de uma teoria psicológica, consiste em uma teoria acerca do funcionamento de várias regras em cujo interior se configuram as atuações individuais” (p. 11, adaptação minha). O espectro de ações de cada ator é definido e redefinido menos por circunstâncias individuais e mais regras explícitas ou veladas constituídas pelo funcionamento da rede, sendo o capital social (assim como o capital físico, o humano e outros) uma espécie de moeda de troca nesse jogo de relações.

Não obstante a relevância e o alcance do conceito de capital social, é evidente a dificuldade em sua operacionalização. Destarte, para Recuero e Zago, as redes sociais são o meio escolhido por alguns autores para fazer frente a essa dificuldade.

Coleman [...], por exemplo, discute a natureza do capital social por meio de sua expressão em valores [...]. Para cada situação, formas diferentes de capital social são mobilizadas. Essa observação é capaz de verificar como valor a forma que o ator, individualmente, é capaz de beneficiar-se da rede social (2009, p. 84).

De fato, para Coleman (1988), o capital social não se constitui como uma identidade única. O capital social, ao contrário, compõe-se por várias entidades que comungam dois elementos: constitui um aspecto de uma estrutura social e é produtivo, isto é, facilita (ou mesmo permite) as ações dos atores sociais no interior dessa estrutura, conforme podemos ler a partir dessa passagem do autor.

Social capital is defined by its function. It is not a single entity but a variety of different entities, with two elements in common: they all consist of some aspect of social structures, and they facilitate certain actions of actors – whether persons or corporate actors – within the structure. Like other forms of capital, social capital is productive, making possible the achievement of certain ends that in its absence would not be possible. Like physical capital and human capital, social capital is not completely fungible but may be specific to certain activities. A given form of social capital that is valuable in facilitating certain actions may be useless or even harmful for others (COLEMAN, 1988, p. 98).

Nesse esteio de raciocínio, também Recuero e Zago (2009) teorizam acerca do capital social criado no interior, no funcionamento das redes sociais. Para as pesquisadoras, ele guarda relação com valores construídos tais como: visibilidade, reputação, popularidade e autoridade. Por serem eficientes para a manutenção da rede, mas incapazes de

estreitarem os laços dela, por mantê-los fracos, tais valores poderiam ser considerados de primeiro nível.

## **O discurso irônico, sob a perspectiva da Análise de Discurso de filiação pècheuxtiana**

Insatisfeito com as respostas que a ciência à época dava aos problemas que envolviam a linguagem, e com a distância que esta mantinha da política, Pêcheux, com sua AAD69, ousou alto em sua proposta epistemológica de articular os estudos marxistas, a Linguística e a Teoria do Discurso, as três trespassadas ou atravessadas pela Psicanálise. Nascia a Análise de Discurso, com a qual o pensador francês inaugurou um novo período de reflexão não apenas sobre a linguagem, como também sobre a ideologia – e, sobretudo, das relações possíveis, de natureza intervalar, entre esses lugares teóricos através da formulação da noção de discurso. Desde então, essa nova disciplina científica, que doravante denominaremos AD, já se nos apresentava como disciplina de entremeios (ORLANDI, 1999), constituída a partir do trabalho constante e contínuo no terreno das contradições epistemológicas – historicamente condicionadas – entre as diversas áreas do conhecimento.

Em Pêcheux & Fuchs (1975), temos a gênese da tríade sobre a qual a AD se baseava:

- (...) 1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
- 2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
- 3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Quanto ao primeiro item, cumpre observar a importância de Courtine (1981), que propôs o casamento do conceito pècheuxtiano de “condições de produção” (CP) à análise histórica das contradições, no sentido marxista, ideológicas inscritas na materialidade dos discursos. Tal proposta, além de evitar a redução da análise das determinações históricas do acontecimento discursivo a simples fatos

circunstanciais, pôde ser articulada à noção de “formações discursivas” (doravante FDs), conceito emprestado por Foucault.

Tomando por base que a ideologia seja uma "representação" da relação imaginária do indivíduo com suas condições reais de existência e que tenha existência material – Teses I e II que Althusser (1996) apresentou em seu artigo “Ideologia e aparelhos ideológicos de estado” –, Courtine (1981) define o discurso como uma relação específica entre língua e ideologia: se, na manifestação linguística, representam-se os efeitos das contradições ideológicas, no interior do ideológico, manifesta-se a língua, não como sistema, mas como materialidade.

No interior de cada Formação Discursiva (FD), que determina, segundo Pêcheux (1995), o que pode e o que não pode ser dito, processam-se relações que tendem ou mais à paráfrase ou mais à polissemia. A primeira representa uma força de repetição de saberes e discursos; é a ordem do mesmo, do repetível. Já a segunda é o espaço da produção do novo, a ruptura; é nela que grassam e prosperam tanto a jocosidade da linguagem quanto a possibilidade da transformação.

A produção parafrástica e polissêmica de sentidos está, para Orlandi (1987), intimamente relacionada aos três tipos de discurso por ela distinguidos: o autoritário (baseado predominantemente na paráfrase), o polêmico (no qual se negocia entre os processos parafrástico e polissêmico) e o lúdico (constitutivamente polissêmico). Para Orlandi,

Em uma sociedade como a nossa, tenho observado que o lúdico é o desejável, é o que vaza, pois o uso da linguagem por si mesma, ou seja, pelo prazer (...) entra em contraste com o uso para finalidades mais imediatas, comprometidas com a idéia de eficiência e resultados práticos. No lúdico, a informação e a comunicação dão lugar à função poética e à fática. Assim, em nossa sociedade, (...) o lúdico é ruptura, ocupa um lugar marginal, ao contrário do polêmico e do autoritário (1987, p. 84)

O discurso irônico apresenta-se como um fato de linguagem ou um fenômeno discursivo, no qual há um trabalho sui generis de atualização do léxico do sistema linguístico. Tal trabalho remete ao interdiscurso (zona de fronteira entre FDs

e que as sobredetermina em função das posições ideológicas que estabelecem entre si) e lineariza-se no enunciado, no intradiscurso, a partir de um viés de ludicidade e criticidade, quase sempre comprometido com o mecanismo metafórico de produção de sentidos, em que estes deslizam sob o mesmo significante de acordo com a FD em que cerram fileiras e com o interdiscurso a que remetem.

No interdiscurso, formam-se os pré-construídos, o já-lá, a que remetem as FDs. No entanto, pelo contínuo deslocamento que elas empreendem, regulado pelo interdiscurso, suas fronteiras movem-se e com elas pré-construídos podem ser incorporados ou descartados, provocando apagamentos, esquecimentos, denegações, redefinições, desligamentos de saberes em seu interior. Assim o discurso irônico como subespécie do discurso lúdico faz sua morada no chão instável das zonas de fronteira das FDs, dos pré-construídos e significantes (re)atualizados. Talvez por isso seja tão evidentemente a equivocidade da língua neles.

## **Constituição do corpus discursivo e análise de enunciados**

O corpus empírico constituiu-se dos *tweets* do grupo humorístico kibeloco no período de 15 de fevereiro a 5 de março de 2011. O kibeloco é um dos atores sociais do *Twitter* de maior popularidade no que tange ao humor, contando atualmente com mais de 1,5 milhão de seguidores. Dados esses números, que mostram a importância desse ator, seus *posts* constituíram alvo preferencial de análise.

No decorrer da etapa de constituição do corpus deste estudo, foi percebida, no corpus de *tweets* do kibeloco, a recorrência de uma determinada estrutura: um enunciado bissegmentado, cuja primeira frase geralmente alude a um fato noticioso ou declaração de outrem e cuja segunda frase reorienta a direção argumentativa da anterior, estabelecendo um gesto de interpretação carregado de ironia. Essa estrutura, embora presente também em *tweets* de outras contas humorísticas na época, pareceu-nos ainda mais recorrente nas postagens da @kibeloco, razão pela qual escolhemos as desta conta para o estudo.

Para efeito de sistematização na análise desses enunciados bissegmentados, doravante adotaremos a expressão refutável para aludir ao primeiro segmento (fato/declaração) e refutante para aludir ao segundo (deslocamento irônico/humorístico do dizer), com cujo teor o enunciador se identificará. A seguir, procedemos à análise de três sequências, que constituirão o corpus discursivo.

#### Sequência discursiva 1 (SD1)

[kibeloco](#) Kibe Loco

Engarrafamento, buracos e violência no desfile da Unidos do Peruche. Para fazer jus a Marginal ali do lado, só faltou uma enchente.

hace 9 horas [Favorito](#) [Retwittear](#) [Responder](#)

A SD1 foi postada em 5 de março de 2011. No segmento refutável, vemos a referência ao carnaval paulistano, mais especificamente aos incidentes que envolveram o Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Unidos do Peruche na edição de 2011 do evento. A instantaneidade da postagem em relação ao acontecimento é flagrante (e recorrente no corpus analisado), dando ao tweet um ar de atualidade. A construção linguística do segmento como uma sequência descritiva evoca sequências comumente associadas ao discurso jornalístico. Tal gesto interpretativo pode ser corroborado pela ausência de adjetivos e no efeito de aparente objetividade da descrição.

Não há pistas mostradas da posição do enunciador, senão a da eleição do fato para um *tweet* humorístico. Tal distanciamento do sujeito enunciador em relação ao seu ato enunciativo parece emular o fazer jornalístico baseado em uma crença da objetividade. A escolha lexical parece precisa, pois os três substantivos que aludem aos problemas no desfile da Escola de Samba remetem a problemas diferentes, mas formam um campo semântico negativo, acurando um caráter crítico e denunciatório, características buscadas pelos veículos de imprensa sérios.

O que está posto no segmento refutável parece plenamente atravessado por um, digamos, discurso de realidade sobre a cidade de São Paulo, local do

carnaval, visto que remete a fatos consuetudinários ao menos no discurso veiculado na mídia sobre a cidade. Se associarmos o bairro Peruche e o carnaval, que é uma festa considerada popular também na acepção de protagonizada pelos mais pobres, pode-se conjecturar um esgar interpretativo de associação entre os problemas paulistanos e as camadas mais humildes da população.

Entre os segmentos refutável e refutante, observamos um índice divisor. O ponto final ali presente instaura, com sua força, uma ruptura maior entre os segmentos do que o faria uma vírgula, um ponto e vírgula, uma barra ou reticências. Não é desprovida de efeito de sentido tal escolha. O ponto final ali estabelece a fronteira entre dois segmentos muito díspares quanto à posição do enunciador, materializando o ponto no qual o dizer dobra a esquina.

O segmento refutante, por sua vez, ainda apresenta um certo caráter descritivo, ainda que em seu viés inverso, negativo, pois descreve o local também pela afirmação do que não há/havia: “só faltou uma enchente”. Ou seja, a descrição inscreve-se no enunciado pelo elemento ausente, gerando um efeito de sentido de caracterização pela falha, pelo defeito. Entretanto, já observamos a intervenção do enunciador de forma menos velada na oração final “para fazer jus a [sic] Marginal ali do lado”, com a qual é iniciado o segundo segmento. Tal construção enseja a comparação com a cena anterior.

O campo semântico negativo lá retratado é atualizado no segundo segmento para demonstrar a falência do planejamento viário paulistano: afinal, a Marginal ainda tem uma enchente como “trunfo” nesse ardiloso jogo de comparações; aspecto de que o desastrado desfile da Escola não dispunha. Ou seja, uma exibição desorganizada, pífia de uma Escola, ainda assim não faz “jus”, no seu circo de horrores, ao cotidiano paulistano, pois só “faltou uma enchente”. Não “a” enchente que causasse espécie por inusitada ou imprevisível, mas “uma” enchente qualquer – realçada em seu caráter indefinido pelo artigo –, dessas tantas que todos os anos, nos meses iniciais do ano, surpreendem os governantes.

O sintagma locativo “ali do lado” pode parecer, em um primeiro momento, uma concessão ao registro coloquial, o que seria plausível em um *tweet* de humor/ironia. No entanto, a não contração da preposição “para”, a escolha lexical

“jus” não corrobora para tanto. O próprio concerto e a possível redundância entre “ali” e “do lado” parecem constituir-se índices linguísticos de um discurso transverso. Essa ênfase no aspecto locativo reforça a atenção ao referente. Quem estaria “ali” e “do lado” da Escola, do carnaval e do desfile desastroso? A “Marginal”; a cidade de São Paulo.

Se, sob o sintagma nominal “Unidos do Peruche” (no nível do intradiscursos), deslizam os sentidos produzidos por dado discurso sobre carnaval em efeito metonímico (e quiçá sinonímico) a desorganização, parece-nos lícito admitir que o seu logo-além locativo na linearidade do discurso e no tecido da cidade, a Marginal, também apresenta, no funcionamento metafórico do item lexical que a refere no discurso, o deslizamento de sentidos que contemplam do etimológico (estar à margem de, ser vizinho a) a um discurso que funciona legitimando a divisão social do espaço urbano e a exclusão social.

Isso porque, se Marginal refere-se no plano intradiscursivo à via que circunda o local do desfile (e que margeia o centro urbano), a memória discursiva midiática mobilizada pelo termo sustenta a associação da área aos vários problemas sociais, urbanos, para cuja solução concorre a necessidade de muito dinheiro, de muito tempo e de ainda mais vontade política. No deslizamento de sentidos, o espaço convocado pelo etimológico parece dar lugar ao sujeito de direito, cidadão paulistano, também ele marginal. Seja marginal no sentido de estar à margem do centro de poder e de atenção das políticas públicas que preveniriam estradas congestionadas/ruins, violência e enchentes; seja marginal, pela às vezes nem tão subreptícia associação da pobreza à criminalidade.

O item “Marginal”, no funcionamento metafórico da língua que o desloca como presença-ausente, o logo-além locativo, a partir do primeiro segmento do enunciado, atualiza-se ao final como a “realidade”, paradoxalmente tão distante e tão perto (“ali do lado”) da festa, da fantasia.

Operam para essa espécie de oxímoro determinados usos linguísticos. Se o ponto de final materializa a distância devassável entre o carnaval qua suspensão temporária do funcionamento ordinário do social urbano e a cidade quotidiana que se impõe ao óbice que lh’ é dado pela fantasia, o advérbio “só” parece materializar o

devassamento entre ambos. Aproxima-os ao estabelecê-los em fronteira de mútuo reconhecimento e, no advento da positividade fronteiraça, organiza-os em torno de uma hiância, traduzida no sintagma “só faltou”. Nesse ínterim, por mais que a materialidade do sonho não tenha sido tramada a ponto de suturar os atravessamentos do Real da cidade, o sonho desastrado ainda enuncia menos infeliz que o despertar para a complexidade que não coube no carnaval. Para fazer jus à envergadura dos problemas da cidade, o que não deu certo deveria ter falhado ainda mais.

O concerto irônico/humorístico do segmento refutante advém de sua necessária posposição ao refutável e chega mesmo a lograr ares de denúncia social e protesto, quando remetido ao interdiscurso. No entanto, é por não enunciar a partir do lugar do oprimido (de um lugar identificado a ele) que esse funcionamento irônico pouco contribui à problematização da questão. Se pensarmos que os problemas elencados no primeiro segmento referem-se ao povo na acepção de toda a extensão da sociedade (tanto os que estão na causa do problema – por autoria material ou por negligência/incompetência gerencial – quanto os que se alienam da não extensão das garantias fundamentais do Estado a toda a população), temos um gesto de leitura é democrático ao não isentar de culpa a ninguém, mas que falha ao rir a partir do lugar do opressor e se eximir de apontar responsabilidades.

#### Sequência Discursiva 2 (SD2)

**kibeloco** Kibe Loco

[Fulana] é uma flor. Couve-flor. <http://migre.me/3SWeu> #BBB (@RicardoOno)

15 feb

Há aqui uma postagem que se vale de mecanismos próprios do *Twitter* para o diálogo entre textos, a constituição do sentido e a conversação. No espaço destino a relações entre textos, há um *link* fazendo referência a um canal de comunicação escrita em tempo real (chat) liderado pela equipe do kibeloco, que faz uma espécie de cobertura ao vivo de eventos por meio dos quais se espera que atraiam o interesse de vários seguidores da conta. Destarte, o kibeloco apresenta-se ao público não como apenas como um projeto humorístico que se revela capaz de

fazer comentários ácidos e sagazes do ponto de vista do humor proposto, mas também capaz de fazê-los ao vivo. A hospedagem de tal *chat* na página do grupo rende visibilidade ao mesmo, sendo passível de auferir-se ganho econômico, através da venda de espaços publicitários.

Por sua vez, a *hashtag* #bbb não só inscreve tal postagem em uma espécie de canal específico no site do *Twitter*, como propicia ao internauta desinformado sobre o andamento do *reality show* aludido pela sigla BBB o contexto para o entendimento da frase, visto que, associando a postagem à *hashtag*, se torna ao seguidor que não assiste ao programa mais fácil deduzir que [Fulana] seria o nome de uma das participantes.

Já a marca @, que indica conversação, tem, nesse caso, seu uso ressignificado pela equipe kibeloco, passando a funcionar à semelhança de um verbo dicendi, reconhecendo (ou atribuindo) a autoria da postagem apresentada a um usuário indicado pela @ no canal #bbb. Percebemos, no funcionamento do *twitter*, assim como em outros suportes textuais, o refinamento no uso de uma ferramenta, ressignificando uma marca conversacional. Tal expediente, conjecturamos aqui como uma estratégia também de reforçar o valor de “credibilidade”. Afinal, seria prejudicial à imagem do grupo ser visto como um usurpador das boas ideias alheias, além de instaurar um ambiente que obstaculizasse a colaboração.

No que tange à postagem, cabe referir que ela versa sobre uma participante de um *reality show*, cujo nome foi omitido para que não chancelamos a estratégia de humor. A insinuação sobre sua pouca feminilidade (ou ainda homossexualidade) gravita na atualização, no fio do discurso, do termo “flor” por “couve-flor”. Enquanto em “[Fulana] é uma flor”, temos a mobilização da memória de um elogio comumente feito às mulheres (e que se constitui no interior de um dado discurso sobre a mulher), na retomada do dizer, percebemos um forte deslocamento, que não apenas refuta o lugar discursivo a partir do qual enunciara (uma vez que, ao contrário de flor, a verdura couve-flor não é um objeto ou tema do discurso que associa mulher a candura/fragilidade), mas também explora alguma

homologia com o termo preterido para, nos desvãos do dizer, produzir escárnio à suposta condição da participante.

Em “[Fulana] é uma flor”, temos um enunciado que remete a um discurso duplo de identidade. E se está posto que Fulana é X, está pressuposto que o fato de ela sê-lo ou não é importante, gera interesse ou discussão. Afinal, assim como um enunciado negativo temos pressuposto o afirmativo contrário, no afirmativo também temos o negativo ao qual aquele responde. Ademais, na alta condensação de efeitos de sentido gerada pelo deslocamento do dizer, o segmento refutante ressignifica o refutável em sua equivocidade: tanto do termo, que se vê atualizado por outro discurso, quanto do funcionamento enunciativo do segmento, que de um clichê gentil/romântico se transmuta na preparação (escada) para o escárnio.

Em um segundo momento do discurso duplo de identidade, a palavra “flor” acessa uma memória discursiva que inscreve Fulana no arquivo do discurso sobre a sexualidade. Assim, ainda nesse segmento, sob o predicado “é uma flor” deslizam sentidos que pertencem a um dado discurso sobre a feminilidade entre cujas representações pontificam beleza, meiguice ou fragilidade, por exemplo. Nessa operação, a moça é filiada ao feminino duas vezes pela palavra “uma”, seja porque a própria palavra é do gênero feminino, seja porque o termo inscreve Fulana em um grupo, no caso de mulheres (e esse efeito de sentido guarda íntima relação com a equivocidade gramatical de “uma”, que pode ser atualizada nesse gesto de leitura como artigo ou numeral).

Quando o enunciado abarca o segmento refutante, tem-se uma remissão velada a um fato no programa: a leitura de um iminente affair entre Fulana e uma outra participante. Sem esse contexto, o gesto mais provável de leitura remeteria “couve-flor” a um outro campo discursivo, possivelmente o estético, desligando-se o sentido de “bela” e se atualizando como “feia”, “sem sex appeal”. Entretanto dada a repercussão nos veículos sobre o programa, não é a leitura mais provável.

Malgrado devamos fazer referência ao sempre pesado discurso preconceituoso, é mister reverenciarmos a inteligente manobra enunciativa que o segmento refutante empreende. Primeiro, porque, com apenas uma palavra,

inscreve o intradiscursos em uma orientação argumentativa contrária. Segundo, porque essa palavra carrega como parte de si a última do segmento anterior, desligando-a do efeito de sentido lá gerado, alçando-se ao estatuto quase de uma palavra-valise, em que a palavra original “flor” tem seu sentido despetalado para compor a nova significação.

Quando o segmento refutante elide “[Fulana]”, o verbo ser e “uma”, é deletério também sobre a construção da identidade da participante no fio do discurso. “Couve-flor” opera em uma sutil fronteira entre reconhecer ou não Fulana como mulher, sustentando um gesto de leitura que hesita entre “[Fulana] é uma flor. [ [Fulana] é uma] couve-flor” e “[Fulana] é uma flor. [vazio] Couve-flor”. Nesse segundo segmento, o [vazio] pode ser suturado tanto por um anafórico “isso”, que desfeminiza a participante, quanto por uma estrutura de valor condicional ([Fulana] só é uma flor, se couve-flor for uma flor).

O sujeito enunciativo que se nos apresentava pretensamente no interior de um discurso romântico-clichê passa a enunciar, no segmento refutante, de um discurso ainda mais regulador sobre a sexualidade feminina, uma vez que interdita não apenas a feminilidade à homossexual feminina, como também uma constituição subjetiva que possa abarcar construções como beleza. Assim, Fulana passa a ter, no segmento refutante, uma identidade outra, cujos sentidos deslizam entre o sem graça, sem atrativos, feio até o inidentificável (afinal, que construção de pessoa emerge dessa rede discursiva que põe o referente de mulher a funcionar sinonimicamente ao de couve-flor?).

## **Considerações finais**

A bissegmentação observada nos enunciados dos *tweets* postados pela conta humorística kibeloco pareceu uma excelente estratégia de linearização discursiva e de, também através dela, de preservação do capital social.

De linearização discursiva, porque a recorrência observada no corpus empírico analisado (do qual se extraíram as duas do corpus discursivo) possibilita uma formulação muito característica daquela conta naquela época. Ademais, tal

construção permite apresentar, sob um efeito de discernimento, a informação/constatação (dialogando com os temas mais candentes do momento e, conseqüentemente, potencialmente mais atraentes aos seguidores) e o trabalho humorístico a partir dessa informação.

Assim, a partir do marcador linguístico ponto final, índice divisor entre os dois segmentos (o refutável e o refutante), o enunciador demarcou o espaço de duas posições-sujeito. A posição de um noticiador, no segmento refutável, a partir do qual se desloca o primeiro segmento da sequência discursiva a partir de um lugar discursivo (como, por exemplo, o discurso jornalístico) para um outro lugar no segundo segmento, o refutante, cuja posição é a de um comentarista/piadista. Embora possa fazê-lo, tal operação não necessariamente refuta o teor da informação/constatação (como na SD1), mas sim a reinscreve em uma ordem discursiva, em um outro lugar de dizer, sob o funcionamento da tipologia lúdica. Nesses jogos que empurram a língua para fora dos limites do seu sistema, os sentidos deslizam, marcando, em mecanismos lexicais, sintáticos etc., o atravessamento de discursos que noticiam a interpelação ideológica.

De preservação do capital social, porque do sucesso no manejo do discurso, no caso o irônico, resultam os valores buscados pelos atores sociais que assinam contas como a do Kibeloco. Essa conta não teria seu atual número de seguidores (e com o potencial de ganho econômico que isso implica), se não se valesse de estratégias muito bem executadas de manutenção da visibilidade (a remissão constante ao seu site), da popularidade (a conexão com o interesse da grande massa dos internautas), da credibilidade (a apropriação do mecanismo de preservação de autoria que faz do internauta um colaborador) e de autoridade (o fato de ser referência como fonte de discurso de humor na rede).

Mais que isso, o expediente de deslocar notícias reais para, a partir delas, fazer humor tornou o kibeloco uma fonte não só de humor, mas também de informação aos seus seguidores. Indubitavelmente, isso revela-se um exemplo de estratégia midiática muito bem sucedida.

## Referências

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. IN: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. (p.105-142).

BORDIEU, Pierre. **Le capital social**. Notes provisoires. Actes de la Recherche em Sciences Sociales, n.31, pp. 2-3. 1980

COLEMAN, J.S. **Social Capital in the Creation of Human Capital**. American Journal of Sociology, n.94, pp. 95-S120, 1988.

\_\_\_\_\_. **Foundations of social theory**. First Harvard University Press paperback edition, 1994.

COURTINE, Jean-Jacques. **Analyse du discours politique (le discours communiste adresse aux chretiens)**. In: Langages n.62, Paris: Larousse, Juin 1981.

MARTELETO, Maria Regina. **Análise de redes sociais** – aplicação nos estudos de transferência da informação. Ciência da Informação. Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/226/201>> Acesso em: 20 maio 2014.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso. Princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1995.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas** (1975). In: GADET, F. & HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad.: Bethania S. Mariani et al. 2.ed., Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. (p. 163-252) (Col. Repertórios)

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre:Sulina, 2009.

RECUERO, R.; ZAGO, G. (2009) **Em busca das "redes que importam"**: Redes Sociais e Capital Social no Twitter.

<[http://www.compos.org.br/data/trabalhos\\_arquivo\\_coirKgAeuz0ws.pdf](http://www.compos.org.br/data/trabalhos_arquivo_coirKgAeuz0ws.pdf)> Anais do XVIII Encontro da Compós: Belo Horizonte, MG, junho de 2009. [2008]

RECUERO, Raquel. **Pontomídia**. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com>> Acesso em: 20 fev. 2011.

*Recebido em: 20 jul. 2014.*

*Aceito em: 10 set. 2014.*